

CONHECER E CONVIVER: A INCLUSÃO NA UNIPLAC

Manual de Orientações





CONHECER E CONVIVER: A INCLUSÃO NA UNIPLAC

Manual de Orientações

Reitor:

Luiz Carlos Pflieger

Diretora Executiva:

Elusa de Fátima Camargo de Oliveira Machado

Elaborado por:

Aline Dallazem

Carlos Eduardo Canani

Daniele Christiane Hoff Marinho de Camargo

Lenice Cleci Rigon Boscato

Nelita da Silva Santos Vincensi

Neusa Maria Sens de Barros

Tadeu Süpptitz

Vanir Peixer Lorenzini

Vivian Fátima de Oliveira

Organização: Aline Dallazem

Revisão: Carlos Eduardo Canani

Diagramação: Daiane Batista Velho

Ficha Catalográfica

C743 Conhecer e conviver: a inclusão na Uniplac: manual de orientações /Organizado por Aline Dallazem...[et al.].-- Lages (SC): Uniplac, 2015.
32 p.: il.

Contém referências.

1. Inclusão escolar. 2. Educação inclusiva - Lages (SC).
I. Dallazem, Aline. II. Canani, Carlos Eduardo. III. Camargo, Daniele C. Hoff Marinho de. IV. Boscato, Lenice Cleci Rigon.
V. Vincensi, Nelita da Silva Santos. VI. Barros, Neusa Maria Sens de.
VII. Süpptitz, Tadeu. VIII. Lorenzini, Vanir Peixer. IX. Oliveira, Vivian Fátima de.

CDD 379.26

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	6
ORIENTAÇÕES GERAIS	8
1 ALUNOS CEGOS/ BAIXA VISÃO	8
1.1 ENCAMINHAMENTOS EM SALA DE AULA.....	9
1.2 APOIO EM BRAILE.....	11
1.3 ATIVIDADES EXTERNAS.....	12
1.3.1 Estágios	12
1.4 AVALIAÇÃO.....	13
2 ALUNOS COM DEFICIÊNCIA FÍSICA	14
2.1 ENCAMINHAMENTOS EM SALA DE AULA.....	14
2.2 ATIVIDADES EXTERNAS.....	16
2.2.1 Estágios	16
2.3 AVALIAÇÃO.....	16
3 ALUNOS COM DEFICIÊNCIA INTELECTUAL	17
3.1 ENCAMINHAMENTOS EM SALA DE AULA.....	18
3.2 ATIVIDADES EXTERNAS.....	19
3.2.1 Estágios	19
3.3 AVALIAÇÃO.....	20
4 ALUNOS COM DEFICIÊNCIA AUDITIVA/SURDOS	20
4.1 ENCAMINHAMENTOS EM SALA DE AULA.....	20
4.1.1 Língua Portuguesa e a escrita do aluno surdo	24
4.2 ATIVIDADES EXTERNAS.....	26
4.2.1 Estágios	26
4.3 AVALIAÇÃO.....	26
5 ALUNOS COM TRANSTORNOS GLOBAIS DE DESENVOLVIMENTO (TGD)	27
5.1 CONCEITO.....	27
5.2 ENCAMINHAMENTOS EM SALA DE AULA.....	28
5.3 ATIVIDADES EXTERNAS.....	30
5.3.1 Estágios	31
5.4 AVALIAÇÃO.....	31



6 ALUNOS COM ALTAS HABILIDADES/SUPERDOTAÇÃO.....	32
6.1 CONCEITO.....	32
6.1.1 Identificação estudantes com altas habilidades/superdotados....	34
6.2 ATIVIDADES EM SALA DE AULA.....	37
6.3 AVALIAÇÃO.....	41
REFERÊNCIAS.....	43



APRESENTAÇÃO

“Lutar pela igualdade sempre que as diferenças nos discriminem. Lutar pelas diferenças sempre que a igualdade nos descaracterize”
(Boaventura de Sousa Santos)

A universidade é reconhecida como espaço de formação para o desenvolvimento social, humano e sustentável. Portanto, cabe a ela, não apenas formar profissionais, mas também produzir novos conhecimentos, que se tornem acessíveis e úteis à sociedade, aplicando-se à realidade local, regional ou mundial.

Assim, essa instituição tem como função social e política o compromisso de oportunizar a todo cidadão o direito de inclusão, por meio do conhecimento e da igualdade de oportunidades de formação e profissão.

Diante desse cenário, a Universidade do Planalto Catarinense (UNIPLAC), comprometida com a construção de uma sociedade mais justa e igualitária, apresenta à comunidade acadêmica este Manual, que visa orientar os professores na convivência com as diferentes formas de ser de seus alunos.

É importante destacar também que a UNIPLAC criou o Programa de Apoio e Acompanhamento Pedagógico – PAAP por partir do princípio de que todas as pessoas têm potencial para aprender e, por isso, é necessário analisar a trajetória acadêmica e investir no processo de aprendizagem.

O PAAP é uma estrutura vinculada à Pró-Reitoria de Ensino (ProEns) que tem como objetivo central oferecer atendimento aos alunos dos diversos cursos da universidade. De acordo com as suas necessidades, o aluno pode usufruir dos seguintes programas:



PAAP
PROGRAMA DE APOIO
E ACOMPANHAMENTO PEDAGÓGICO

- **Oficinas de Língua Portuguesa e Matemática:** abordam os conhecimentos relacionados à leitura, interpretação de textos, desenvolvimento de operações mentais lógicas e matemática básica;
- **Orientação Psicológica e/ou Psicopedagógica aos alunos;**
- **Apoio em casos de dificuldades em decorrência de acidente ou doença;**
- **Apoio ao Aluno com Deficiência:** disponibilização de recursos de acessibilidade, apoio em Braile e em Libras;
- **Apoio ao Aluno com Altas Habilidades/Superdotação.**

Como é possível perceber, a UNIPLAC oferece diversos recursos e apoio aos alunos com deficiência e/ou com necessidades educacionais especiais, e este Manual deve contribuir para que os professores (re)conheçam os recursos e estratégias que devem ser utilizados em cada especificidade, garantindo um processo de inclusão efetivo e uma formação de qualidade.

Aline Dallazem
Daniele Christiane Hoff Marinho de Camargo

ORIENTAÇÕES GERAIS

- ❖ Este Manual apresenta recursos e estratégias que podem ser utilizadas nas atividades de ensino e aprendizagem conforme cada especificidade;
- ❖ Recursos auxiliares não descritos abaixo poderão ser solicitados e disponibilizados conforme análise de cada caso;
- ❖ No processo de avaliação, considere as potencialidades e fragilidades do aluno, comparando sua evolução em relação a si mesmo, nunca com os demais alunos da sala;
- ❖ Vise à funcionalidade dos conhecimentos disponibilizados e/ou produzidos, para que os mesmos sejam significativos para a atuação prática e profissional.

1 ALUNOS CEGOS/ BAIXA VISÃO

Nelita da Silva Santos Vincensi

Deficiência visual: cegueira, na qual a acuidade visual é igual ou menor que 0,05 no melhor olho, com a melhor correção óptica; a baixa visão, que significa acuidade visual entre 0,3 e 0,05 no melhor olho, com a melhor correção óptica; os casos nos quais a somatória da medida do campo visual em ambos os olhos for igual ou menor que 60º; ou a ocorrência simultânea de quaisquer das condições anteriores (BRASIL, 2004).

IMPORTANTE:

Não deixe as portas entreabertas;
Mantenha o elevador fechado;
Evite transitar com o aluno baixa visão em áreas escuras, salas,
escadas, entradas e corredores



Fonte: PIMA (2012b)

1.1 ENCAMINHAMENTOS EM SALA DE AULA

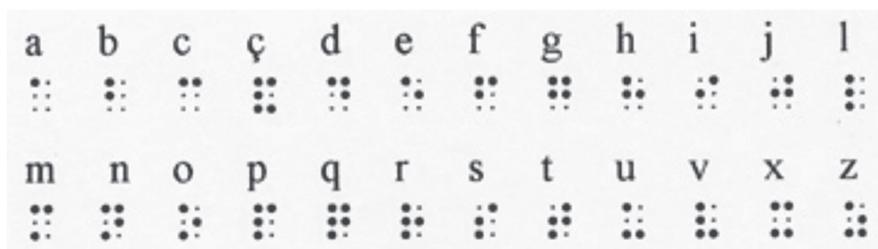
- ❖ Dirija-se ao aluno cego e em seguida identifique-se, pois o mesmo lhe reconhecerá pela voz;
- ❖ Permita a gravação das aulas;
- ❖ Indague se o aluno necessita de ajuda;
- ❖ Permita-lhe conhecer o espaço da sala de aula e a posição dos mobiliários, e se houver mudança, informe ao aluno.
- ❖ Fale diretamente com o aluno cego quando ele estiver acompanhado, já que ele não precisa de intérprete;
- ❖ Ao dirigir-se ao aluno cego não aja como se ele fosse surdo;
- ❖ Sempre que se ausentar avise que está saindo e quando chegar identifique-se;
- ❖ Oportunize e incentive a participação em todas as atividades propostas (debates, dinâmicas, seminários, apresentações de trabalhos);

- ❖ Oriente o aluno cego em relação ao seu posicionamento, para que fique sempre de frente ao público para explanação de seu trabalho;
- ❖ Promova a colaboração dos colegas;
- ❖ Ao apresentar seu Plano de Ensino, certifique-se de que o aluno conseguiu compreendê-lo, e disponibilize o mesmo em braile ou ampliado, se for o caso;
- ❖ Oportunize todo seu material antecipadamente para o aluno e para a produção a ser realizada (transcrição em braile ou ampliação, no caso de alunos baixa visão), facilitando assim a participação dele em suas aulas;
- ❖ Ao escrever/desenhar no quadro, descreva oralmente suas ações para a melhor compreensão das aulas;
- ❖ Disponibilize textos em *word*, para que o aluno possa utilizá-los em seu programa específico;
- ❖ Ao identificar máquina Braile e/ou notebook com programas de leitores de tela ou teclado Braile, pergunte ao aluno cego como utiliza em suas atividades;
- ❖ Certifique-se se há acervos em Braile ou áudio-livros, programas de leitores de tela, entre outros disponíveis na biblioteca;
- ❖ Verbalize os conteúdos com clareza;
- ❖ Verifique se o aluno baixa visão utiliza recurso óptico (lupa, óculos especiais, telescópios) ou não óptico (softwares específicos para ampliação de tela e sintetizador de voz);
- ❖ Utilize letras maiores no quadro, no caso de ter aluno baixa visão em sala;
- ❖ Na utilização de *PowerPoint*, no caso de alunos baixa visão, use cores contrastantes, cores claras (branco/ amarelo), fundo escuro (preto/azul), tamanho a partir do 16 e poucos detalhes;
- ❖ Em caso de exibição de filmes e vídeos disponibilize os mesmos dublados, pois isso facilitará a compreensão do aluno cego e baixa visão;

- ❖ Em filmes e vídeos legendados deve ser feita a descrição oral das cenas e falas;
- ❖ Indique os filmes e vídeos antecipadamente para o aluno se familiarizar;
- ❖ Na ausência do material em Braille dos *slides*, as imagens deverão ser descritas para o aluno e, conseqüentemente, deverá ser feita a leitura completa do mesmo.

1.2 APOIO EM BRAILE

- ❖ A universidade disponibiliza profissionais especializados que atendem alunos cegos e baixa visão, os quais produzem os materiais em Braille e suas respectivas transcrições, bem como os ajustes específicos (ampliação) do texto, para que os alunos possam participar integralmente de todas as atividades acadêmicas;
- ❖ A sala do Apoio em Braille está situada no Bloco 2, número 2125 e faz parte do Programa de Apoio e Acompanhamento Pedagógico (PAAP);



Fonte: BRASIL (2006, p.23)

- ❖ Os professores devem encaminhar com antecedência o material a ser transcrito para leituras, exercícios e avaliações

1.3 ATIVIDADES EXTERNAS

- ❖ Após marcar viagens e visitas, certifique-se das necessidades específicas do aluno;
 - ❖ O aluno deverá ter alguém de sua confiança para que o acompanhe e seja seu guia, sendo que o guia deverá ser comunicado antecipadamente;
 - ❖ Todas as ações devem ser descritas oralmente para o aluno;
- Todas as ações devem ser descritas oralmente para o aluno;
- ❖ Incluir o aluno em todos os roteiros de viagens e visitas;
 - ❖ O aluno cego sem bengala deve ficar ao lado de um vidente e este precisa repassar as orientações necessárias no percurso;
 - ❖ O aluno cego com bengala deve ser guiado, por isso deixe-o segurar seu braço. Em portas e passagens estreitas, tome a frente e deixe-o segui-lo com as mãos em seu ombro;
 - ❖ Auxilie na identificação de possíveis obstáculos.

1.3.1 Estágios

- ❖ Permita que um profissional transcreva relatório ou qualquer tipo de material que esteja em Braille;
- ❖ Disponibilize programas multimídias ou material em Braille para que o aluno possa realizar as atividades solicitadas;
- ❖ O orientador deve ensinar ao aluno cego o caminho a percorrer no local de estágio;

1.4 AVALIAÇÃO

- ❖ É importante você conhecer a necessidade do aluno cego, verificando qual a forma por meio da qual ele pretende realizar as avaliações;
- ❖ Poderá ser realizada qualquer uma das modalidades listadas abaixo:
- ❖ Prova Oral: realizar a avaliação em data e horário previamente agendados com o aluno;
- ❖ Prova em Braille: o aluno poderá fazer a prova em Braille e em seguida o professor deverá encaminhar ao profissional habilitado para a transcrição, apenas posteriormente é que o professor atribuirá a nota;
- ❖ Prova Digitada: se o aluno optar por fazer sua avaliação no computador deve estar acompanhado de alguém, sendo que essa prova poderá ser encaminhada ao professor por e-mail ou impressa;
- ❖ Prova Gravada: alguém poderá ler as questões e assim gravar as respostas dadas pelo aluno;
- ❖ Prova com auxílio de leitor/escritor: qualquer pessoa poderá ler a prova e transcrever suas respostas no caderno de prova, na íntegra;
- ❖ Devido ao cansaço visual, o aluno baixa visão poderá utilizar um ledor (pessoa que fará a leitura);
- ❖ Observe a flexibilidade do tempo para realizar as atividades;
- ❖ Procure a coordenação antes da realização da prova para verificar quem auxiliará o aluno, caso necessário;
- ❖ Todas as avaliações devem ser realizadas junto com os demais colegas, exceto em casos de solicitação do aluno.

IMPORTANTE:

Conforme Decreto nº 3.298, de 20 de dezembro de 1999. Art. 27. “As instituições de ensino superior deverão oferecer adaptações de provas e os apoios necessários, previamente solicitados pelo aluno portador de deficiência, inclusive tempo adicional para realização das provas, conforme as características da deficiência” (BRASIL, 1999)

2 ALUNOS COM DEFICIÊNCIA FÍSICA

Carlos Eduardo Canani
Neusa Maria Sens de Barros

Deficiência física: alteração completa ou parcial de um ou mais segmentos do corpo humano, acarretando o comprometimento da função física, apresentando-se sob a forma de paraplegia, paraparesia, monoplegia, monoparesia, tetraplegia, tetraparesia, triplegia, triparesia, hemiplegia, hemiparesia, ostomia, amputação ou ausência de membro, paralisia cerebral, nanismo, membros com deformidade congênita ou adquirida, exceto as deformidades estéticas e as que não produzam dificuldades para o desempenho de funções (BRASIL, 2004).

2.1 ENCAMINHAMENTOS EM SALA DE AULA

- ❖ Sugira ao aluno que se sente em alguma carteira da frente. Caso ele recuse, evite insistir;
- ❖ Sempre pergunte ao aluno com deficiência se ele precisa de ajuda e de que maneira você pode ajudá-lo;
- ❖ Autorize o aluno a gravar suas aulas (inclusive com uso do celular);

- ❖ Incentive os demais alunos da turma a colaborarem com o colega, mas sempre evitando invadir seu espaço;
- ❖ Quando atender um aluno cadeirante, se precisar conversar com ele por muito tempo, sente-se e procure ficar no mesmo nível do olhar que ele;
- ❖ Só toque a cadeira de rodas quando solicitado e, se o fizer, peça licença;
- ❖ Cadeira de rodas é um espaço individual e deve ser respeitado. Evite usá-la como apoio;
- ❖ As muletas e bengalas devem permanecer sempre próximas ao aluno;
- ❖ Lembre-se: cadeira de rodas, bengalas e muletas são partes do espaço corporal do aluno e devem ser tratados com cuidado;
- ❖ Aluno com Paralisia Cerebral, geralmente, é mais vagaroso para falar, escrever, ler. Portanto, se você não entender o que ele diz, peça-lhe para repetir, sem constrangimento;
- ❖ Tenha paciência ao ouvi-lo, pois a grande maioria tem dificuldade na fala. Contudo, a dificuldade é apenas de ritmo e articulação;
- ❖ Ajude o aluno, pergunte o que deve ser feito e como deve ser feito;
- ❖ Trate cada aluno com a maior naturalidade possível. O aluno com deficiência só precisa de atenção, não de proteção;
- ❖ Procure oferecer atendimento adaptado e específico para que o aluno não seja prejudicado no processo de aprendizagem;
- ❖ Converse com ele sobre qual a melhor forma para ele aprender;
- ❖ Nas apresentações de trabalhos ou seminários, cuide para que o aluno participe efetivamente;



- ❖ O aluno deve posicionar-se na sala da melhor forma para reduzir ao mínimo o cansaço e prevenir o desenvolvimento das alterações posturais;
- ❖ Quando o aluno não puder se expressar verbalmente, ou tiver muita dificuldade, procure outras estratégias para sua participação efetiva;
- ❖ Disponibilize material no Portal, encaminhe via e-mail, ou entregue antecipadamente o que você utilizará em sala de aula (apostilas, textos, slides, entre outros).



2.2 ATIVIDADES EXTERNAS

- ❖ Ao agendar viagens e visitas técnicas lembre-se de verificar as condições de acessibilidade nas empresas de transporte, nos locais de hospedagem e nos espaços que serão visitados.

2.2.1 Estágios

- ❖ Verificar as condições de acessibilidade nos campos de estágio

2.3 AVALIAÇÃO

- ❖ Para alunos que não conseguem escrever é necessário encontrar outras formas/estratégias para realizar as suas avaliações, como as que seguem:
 - ❖ Prova realizada com a ajuda de outra pessoa: o ajudante tem apenas a responsabilidade de ler as questões da prova e escrever as respostas ditadas pelo aluno;
-

- ❖ Nesse caso, verifique se a prova pode ser realizada na sala de aula, junto com os outros alunos ou se você deve providenciar outro local;
- ❖ Sempre comunique ao Coordenador do Curso como será realizada a avaliação;
- ❖ Prova oral: você realiza a avaliação em data e horário previamente agendados com o aluno;
- ❖ Prova gravada: você ou um auxiliar realiza as avaliações e arquiva as gravações;
- ❖ Prova digitada: se o aluno consegue digitar, pode realizar a prova no computador ou *notebook*, imprimir ou encaminhar via e-mail para você;
- ❖ Prova prática: verifique a acessibilidade para a execução da atividade. Por exemplo: fazer uma fotografia. É o aluno quem deve orientar quanto à montagem do cenário, o objetivo da imagem, a sequência das ações. O professor ou outra pessoa poderão fazer a foto;
- ❖ Avalie de acordo com as competências e habilidades possíveis de serem desenvolvidas pelo aluno.



3 ALUNOS COM DEFICIÊNCIA INTELECTUAL

Tadeu Süptitz
Vanir Peixer Lorenzini

Deficiência mental: funcionamento intelectual significativamente inferior à média, com manifestação antes dos dezoito anos e limitações associadas a duas ou mais áreas de habilidades adaptativas, tais como: comunicação; cuidado pessoal; habilidades sociais; utilização dos recursos da comunidade; saúde e segurança; habilidades acadêmicas; lazer; e trabalho (BRASIL, 2004).

3.1 ENCAMINHAMENTOS EM SALA DE AULA

❖ Para a pessoa com deficiência mental, a acessibilidade não depende de suportes externos ao sujeito, mas tem a ver com a saída de uma posição passiva e automatizada diante da aprendizagem para o acesso e apropriação ativa do próprio saber (BRASIL, 2007, p. 22).

❖ Deficiência intelectual não significa incapacidade, mas sim que o aluno precisa de mais tempo para aprender e realizar as atividades;

❖ Já no primeiro dia de aula, apresente-se a ele e procure um espaço que possibilite uma conversa reservada, onde você possa acolhê-lo e iniciar um bom vínculo;

❖ Inteira-se sobre quais são as principais dificuldades do aluno, porém use esta informação para investir mais em suas potencialidades e interesses;

❖ Sempre que necessário e possível, proporcione ao aluno materiais e experiências práticas e oportunidade de experimentar as coisas;

❖ Valorize suas atitudes de sucesso;

❖ Oriente de forma clara e objetiva sobre as atividades e estudos;

❖ Pergunte se o aluno precisa de ajuda e aguarde a resposta;

❖ Proporcione ajuda, na justa medida da necessidade do aluno;

❖ Aproxime-se do aluno, assim como faz com os demais;

❖ Caso necessário combine com ele um tempo maior para a realização das atividades;

❖ Proponha atividades que exijam capacidade de planejamento, estimulando processos mentais superiores;

❖ Considere a participação deste aluno desde o planejamento das atividades práticas;

❖ Estimule a efetivação de seus trabalhos;

❖ Utilize estas atividades para estimular o aluno a avançar na sua compreensão, criando-lhe conflitos cognitivos e desafiando-o a enfrentá-los;

- ❖ Divida as tarefas novas em passos pequenos;
- ❖ Em trabalhos de grupo, estimule a participação ativa deste aluno;
- ❖ Oriente os colegas a darem oportunidade ao aluno na apresentação de trabalhos;
- ❖ Tome cuidado para que os colegas respeitem a fala deste aluno;
- ❖ Na apresentação de trabalhos realizados em grupos, fique atento para as formas específicas do aluno se relacionar com o saber, incentivando-o a fazer relações com fatos de suas atividades diárias;
- ❖ Permita-lhe agir com autonomia para escolher o caminho da solução e a sua maneira de atuar inteligentemente;
- ❖ Procure desenvolver na turma um ambiente seguro e acolhedor, no qual os demais alunos da turma possam colaborar para que o colega tenha oportunidades de participar da apresentação dos trabalhos.

3.2 ATIVIDADES EXTERNAS

- ❖ Assegure que o aluno participe de todas as atividades externas.

3.2.1 Estágios

- ❖ Para estas atividades, torna-se muito importante que o professor responsável pelo aluno procure o responsável local pelos estagiários e forneça as informações necessárias para que o aluno com deficiência intelectual possa sair de uma posição de “não capaz”, ou de “limitado”, para se apropriar de um saber que lhe é próprio, ou melhor, que ele mesmo construiu.

3.3 AVALIAÇÃO

- ❖ Se o aluno precisa de mais tempo para realizar as atividades, combine com ele como será avaliado caso não consiga concluir a prova no prazo estipulado;
- ❖ Considere avaliar desempenhos mais práticos na elaboração de instrumentos de avaliação;
- ❖ Dê preferência a atividades para o desenvolvimento dos processos mentais superiores (controle consciente do comportamento, atenção e lembrança voluntária, memorização ativa, pensamento abstrato, raciocínio dedutivo, capacidade de planejamento, entre outros);
- ❖ Lembre-se: o aluno com deficiência intelectual precisa ser avaliado de forma com que ele possa construir a sua inteligência, dentro do quadro de recursos intelectuais disponíveis;
- ❖ A prova poderá ser realizada em dia e horário previamente agendados. Neste caso, converse com o Coordenador do Curso.

4 ALUNOS COM DEFICIÊNCIA AUDITIVA/SURDOS

Lenice Cleci Rigon Boscato

Deficiência auditiva: perda bilateral, parcial ou total, de quarenta e um decibéis (dB) ou mais, aferida por audiograma nas frequências (sic) de 500Hz, 1.000Hz, 2.000Hz e 3.000Hz (BRASIL, 2004).

4.1 ENCAMINHAMENTOS EM SALA DE AULA

- ❖ Converse com seu aluno surdo no início do semestre. Se ele está cursando um curso superior, é porque já venceu muitos desafios ao longo de sua vida escolar. O próprio aluno poderá sugerir algumas estratégias que facilitem seu processo de aprendizagem;
-

- ❖ Apresente-se ao aluno surdo articulando pausadamente seu nome ou, caso seja necessário, com o auxílio do intérprete;
 - ❖ Para falar com o aluno surdo, sinalize levantando a mão ou tocando levemente em seu ombro;
 - ❖ Fale claramente e de frente, articulando palavra por palavra, sempre possibilitando ao surdo visualizar sua boca.
 - ❖ Se você olhar para os lados o aluno poderá pensar que a conversa terminou. Estabeleça contato com o olhar;
 - ❖ Seja expressivo. Expressões faciais, gestos e o movimento do corpo são excelentes indicações do que você quer dizer;
 - ❖ Se você tiver dificuldade de compreender o que ele está falando, não se intimide em pedir para que ele repita a informação;
 - ❖ Utilize a escrita e outros recursos visuais para favorecer a apreensão das informações abordadas verbalmente;
 - ❖ Ao escrever no quadro, procure não falar ao mesmo tempo, pois o surdo ou presta atenção no quadro ou presta atenção no intérprete;
 - ❖ Se estiver acompanhado por um intérprete, dirija-se diretamente ao aluno, não ao intérprete;
 - ❖ O aluno surdo deve sentar nas primeiras carteiras para facilitar o contato visual com o professor e com o intérprete;
 - ❖ O aluno surdo acha-se facilmente isolado, e com frequência tem a sensação de estar marginalizado entre os ouvintes;
 - ❖ Faça-o tomar parte da aula, informando-o sobre o que se passa ou se diz ao seu redor;
 - ❖ Lembre-se que os avisos visuais são úteis e necessários aos surdos. Use o máximo possível de apoio visual;
 - ❖ O intérprete de Libras tem a função de ser o canal comunicativo entre o aluno surdo, o professor e colegas. Seu papel em sala de aula é servir como tradutor entre pessoas que compartilham línguas e culturas diferentes;
-



Fonte: OLIVEIRA (2013)



Fonte: PIMA (2012a)

- ❖ O intérprete não é o professor. Ele apenas interpreta o que você diz;
- ❖ O intérprete não é o responsável pela aprendizagem do aluno surdo, apenas auxilia na compreensão daquilo que você está tratando;
- ❖ Não é responsabilidade do intérprete, fazer anotações para o aluno durante as aulas;
- ❖ Disponibilize os textos a serem trabalhados antecipadamente, tanto para o aluno surdo quanto para o intérprete;
- ❖ Quando aplicar alguma prova escrita, providencie uma cópia para o intérprete. O aluno surdo poderá ter dificuldades com algumas palavras e a cópia facilitará o trabalho do intérprete;
- ❖ Exija leitura e produção de textos do aluno surdo, da mesma forma que você exige dos outros alunos, mas, na avaliação, considere as especificidades e valorize a semântica;
- ❖ Trabalhar em conjunto com o intérprete é essencial, pois o professor tem o conhecimento sobre a disciplina e o intérprete tem o conhecimento sobre a língua de sinais e a cultura surda;



Fonte: OLIVEIRA (2013)



Fonte: PIMA (2012a)

- ❖ Ao organizar trabalhos em grupo, é importante motivar o estudante surdo a se integrar com os colegas. Não é raro que ocorra certo distanciamento entre alunos surdos e ouvintes;
- ❖ Converse antecipadamente com os colegas que compõem o grupo para certificar-se de que o aluno surdo terá garantida sua participação na elaboração e apresentação do trabalho/pesquisa;
- ❖ Na apresentação de seminários, debates e discussões, pense no aluno surdo e também no intérprete, que precisa de um lugar adequado para acompanhar e/ou traduzir a apresentação do aluno;
- ❖ Faça uma lista com o vocabulário técnico para que o aluno possa estudar antecipadamente.
- ❖ Lembre-se que a Língua Portuguesa é a sua segunda língua;
- ❖ Construa frases simples, corretas e curtas, sem uso de gírias;
- ❖ Verifique com o aluno se a mensagem foi compreendida;
- ❖ Se o aluno não compreender o que você disse ou solicitou repita, procurando outra palavra com o mesmo sentido, ou dê outra forma à frase;
- ❖ Solicite ao aluno que tenha o material durante as aulas, da mesma forma como exige dos outros;

❖ Sempre que trabalhar com material audiovisual (filmes, slides, documentários) disponibilize ao aluno (e ao intérprete) uma síntese do enredo antes de iniciar a projeção. Este procedimento facilitará a compreensão do aluno surdo.

4.1.1 Língua Portuguesa e a escrita do aluno surdo

Apresentamos abaixo o Quadro síntese das dificuldades encontradas pelos alunos surdos na escrita, com base nos estudos realizados por Fernandes (2006), Doutora em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal do Paraná (UFPR).

SÍNTESE DAS DIFICULDADES NA ESCRITA PELOS ALUNOS SURDOS		
Aspectos da língua portuguesa e conhecimentos envolvidos	Características da escrita dos surdos	Exemplos
<p>Ortografia Emprego de letras adequadas em contextos fonéticos em que há mais de uma possibilidade de grafia, como g ou j, s ou z, am, an ou ã.</p>	<p>Boa incorporação das regras ortográficas, pela excelente capacidade para memorização visual das palavras. Por memorizar as palavras na globalidade, podem ocorrer trocas nas posições das letras.</p>	<p><i>froi (frio) Barisl (Brasil) frime (firme) perto (preto) esprimenta (experimenta)</i></p>
<p>Acentuação Identificar a sílaba tônica</p>	<p>Dificuldade em proceder à acentuação por exigirem a consciência sonora das palavras.</p>	<p><i>Medico (médico) Onibus (ônibus)</i></p>

<p>Pontuação</p>	<p>Por estar diretamente vinculados à oralidade (entonação, ritmo, fluxo da fala, etc.), há dificuldade na incorporação das regras.</p>	<p><i>Eu estou fazendo natação faz tempo até agora eu fumo não nado muito bem por causa falta no (de) ar.</i></p>
<p>Artigos Conhecimento de gênero das palavras (masculino/feminino)</p>	<p>São omitidos Ø ou utilizados inadequadamente</p>	<p>*A avião viajar o França Brasil. (O time do Brasil viajou de avião para França).</p> <p>*Eu vi o televisão.</p> <p>*O aglomeração da distribuição do fluxo financeiro que vem do sul [...]</p> <p>*Antigamente Ø Brasil sempre fazia plantações só para portugueses e brasileiros e mais tarde eles começaram a vender para Ø mundo inteiro.</p>
<p>Negação Em português a negação se faz com a utilização do advérbio NÃO, junto ao verbo.</p>	<p>Em decorrência de que na Libras a negação pode ocorrer após o verbo, esta particularidade pode se ver refletida em alguns textos.</p>	<p><i>Eu quero não gosto sexo.</i></p> <p>Conhece não AIDS. (Não conheço).</p> <p><i>Nós amigos tem não AIDS.</i></p> <p><i>Flávio tem não AIDS.</i></p>

Fonte: Fernandes (2006)

4.2 ATIVIDADES EXTERNAS

- ❖ Ao agendar viagens e visitas técnicas lembre-se de verificar as necessidades do aluno surdo;
- ❖ O intérprete deverá se preparar para acompanhar o aluno.

4.2.1 Estágios

- ❖ O acompanhamento do intérprete é indispensável

4.3 AVALIAÇÃO

- ❖ O decreto nº 5626/2005 considera que o aluno surdo tem direito a uma avaliação diferenciada e apresenta em seu texto o seguinte:

VI - adotar mecanismos de avaliação coerentes com aprendizado de segunda língua, na correção das provas escritas, valorizando o aspecto semântico e reconhecendo a singularidade linguística manifestada no aspecto formal da Língua Portuguesa (BRASIL, 2005).

- ❖ Após a interpretação das questões, o intérprete deverá deixar que o aluno resolva a avaliação individualmente;
- ❖ As questões das provas devem ser redigidas de forma bem objetiva, em razão das dificuldades dos alunos surdos em relação ao vocabulário;
- ❖ Se na realização da prova o aluno tiver alguma dificuldade de compreensão do vocabulário ou comando da questão, deverá solicitar ajuda do professor ou auxílio do intérprete;
- ❖ Na correção das provas e trabalhos, valorize o conteúdo semântico devido as dificuldades que o aluno tem com a escrita da Língua Portuguesa.

5 ALUNOS COM TRANSTORNOS GLOBAIS DE DESENVOLVIMENTO (TGD)

Vivian Fátima de Oliveira

5.1 CONCEITO

Conforme a Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde - CID – 10 (OMS, 2003) Transtornos Globais do Desenvolvimento - TGD é um grupo de transtornos caracterizados por alterações qualitativas das interações sociais recíprocas, modalidades de comunicação e por um repertório de interesses e atividades restrito, estereotipado e repetitivo, constituindo uma característica global do funcionamento do sujeito, em todas as ocasiões. Este grupo é formado por oito tipos de transtornos:

- **Autismo:** As pessoas apresentam atrasos no desenvolvimento, manifestados antes dos três anos de idade, onde incide diretamente em cada um dos três domínios: interações sociais, comunicação, comportamento focalizado e repetitivo. É comum o autismo acompanhar outras manifestações como, por exemplo: fobias, dificuldades com o sono ou alimentação, crises de birra ou agressividade (auto ou heteroagressão).

- **Autismo atípico:** Sintomas de atrasos no desenvolvimento, ocorrendo após a idade de três anos, ou que não contemplam a todas as características presentes no autismo.

- **Síndrome de Rett:** Transtorno descrito até o momento unicamente em meninas, caracterizado por um desenvolvimento inicial ou supostamente normal, seguido de uma perda parcial ou completa da linguagem, da marcha e do uso das mãos, associado a uma regressão do desenvolvimento craniano, geralmente ocorrendo entre 7 e 24 meses.

- **Transtorno Desintegrativo da Infância:** Caracteriza-se pela presença de um período de desenvolvimento completamente normal antes de ocorrer o transtorno, sendo que este período é seguido de uma perda manifesta das habilidades anteriormente adquiridas dos principais domínios do desenvolvimento descritos dos TGD's.

- **Transtorno com hipercinesia** associado a retardo mental e a movimentos estereotipados: Refere-se a pessoas com deficiência intelectual grave, associado à hiperatividade, déficit de atenção e comportamentos estereotipados.

- **Síndrome de Asperger:** Ocorrência de alteração na qualidade das interações sociais recíprocas, semelhantes às observadas no autismo, porém sem atraso na linguagem ou cognitivo, mas com interesses e atividades restritos, estereotipados e repetitivos. Outros Transtornos Globais do Desenvolvimento.

- **Transtornos Globais do Desenvolvimento Não Especificados**

IMPORTANTE!

No Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais -DSM -5 (APA,2014), foram incluídas quatro categorias dos TGD's dentro do Transtorno do Espectro Autista (TEA), foram elas: Autismo e Autismo Atípico, Transtorno Desintegrativo da Infância e Síndrome de Asperger, assim todos passaram a ser considerados no mesmo espectro do autismo, se distinguindo apenas em níveis de gravidade: 1, 2 e 3.

5.2 ENCAMINHAMENTOS EM SALA DE AULA

VALE LEMBRAR:

Como o grupo dos TGD's apresenta uma diversidade de sintomas e características, serão descritos a seguir informações gerais, mas torna-se imprescindível ao professor identificar as especificidades e necessidades de cada aluno e NUNCA generalizá-los!

❖ Busque a atenção do aluno antes de realizar instruções, chamando-o pelo nome e olhando em seus olhos;

- ❖ Privilegie as primeiras carteiras da sala ao aluno, caso a turma esteja organizada por filas, evite que se sente próximo às janelas ou portas, devido as grandes possibilidades de distração, mas sempre respeitando a autonomia do sujeito;
- ❖ Utilize frases simples, curtas, claras e diretas;
- ❖ Tente interpretar as diferentes formas que utilizam para se comunicarem (movimentos do corpo, expressões faciais, comportamentos agitados ou apáticos);
- ❖ Observe se o aluno apresenta reações de hipersensibilidade à luz e/ou sons, pois isso poderá ocasionar inquietações que dificultarão o aprendizado;
- ❖ Explore recursos visuais concretos e tecnologias, principalmente se o assunto trabalhado for de ordem muito abstrata;
- ❖ Apresente, no início de cada aula, um cronograma com o planejamento diário e qualquer alteração de local, atividades ou troca de professor, deverá ser informada previamente ao aluno para evitar possíveis crises ou desconfortos;
- ❖ Procure um local calmo e tranquilo para o aluno;
- ❖ Em casos de crises e manifestações de ansiedade, deixe o aluno preferencialmente acompanhado por apenas uma pessoa, pois quanto mais estímulos, maior possibilidade de agravar a situação;
- ❖ Explique as execuções das atividades de sala ou programadas para fora dela (trabalhos, preparação para seminários) de forma estruturada, passo a passo, com objetivos bem esclarecidos e, se for necessário, fragmente as tarefas e os prazos;
- ❖ Desperte a atenção do aluno com assunto ou material de seu interesse, para uni-lo ao novo conhecimento e tornar a aprendizagem significativa ao educando;
- ❖ Estimule a realização de atividades em grupo devido as possíveis dificuldades de socialização e diálogo, porém se for demonstrada preferência em realizar as tarefas individualmente, isso deverá ser respeitado;
- ❖ Ajude na continuidade de uma conversa quando identificar empecilhos ao aluno em estabelecer a comunicação e a manutenção do diálogo;
- ❖ Oriente sobre as regras sociais de sala e da Instituição, devido a prováveis dificuldades de adequar o comportamento e conversas ao contexto onde está inserido;

- ❖ Identifique o potencial e as habilidades do educando, pois eles SEMPRE apresentam;
- ❖ Ajude a ampliar suas áreas de interesse e não confundir interesse com obsessão;
- ❖ Elogie e incentive cada avanço e conquista, independentemente de sua dimensão, pois assim encorajará para as próximas etapas de aprendizagem;
- ❖ Evite o uso de metáforas, pois muitos apresentam dificuldades de compreender a linguagem não-literal;
- ❖ Fique atento à possibilidade desses sujeitos serem vítimas de *bullying*, pois grande parte das pessoas com TGD's apresenta como característica um perfil de ingenuidade, dificultando a interpretação das falas no seu entorno e a autodefesa;
- ❖ Evite ao máximo a ociosidade do aluno, mas atente para o excesso de informações, pois isso impede o rendimento e a atenção do aluno;
- ❖ Conheça a Lei Berenice Piana, número 12.764/12, que institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista (TEA) ao equiparar a pessoa com TEA à pessoa com deficiência para todos os efeitos legais.

5.3 ATIVIDADES EXTERNAS

- ❖ Em viagens de estudos e visitas técnicas é importante expor claramente o objetivo que se pretende alcançar;
- ❖ Informe qual meio de transporte será utilizado, as pessoas que acompanharão, horários de saída/chegada, rotas e destino de chegada por escrito ou por meio de figuras/imagens;
- ❖ A previsibilidade às pessoas com TGD's minimiza a ansiedade e evita o surgimento de comportamentos desadaptativos.

5.3.1 Estágios

- ❖ O professor da IES e o supervisor local deverão avaliar as condições do estágio, se estão de acordo com as potencialidades e habilidades do aluno;
- ❖ Cuidar para não expor o sujeito é imprescindível;
- ❖ Esclareça as especificidades e necessidades dos estagiários aos profissionais que tiverem maior contato com ele;
- ❖ Adapte recursos/espacos conforme a demanda emergente.

5.4 AVALIAÇÃO

- ❖ Priorize os objetivos da disciplina que atendam ao desenvolvimento do educando, podendo ser revistos e alterados durante o semestre, caso sejam observadas dificuldades de serem atingidos;
- ❖ Defina os instrumentos e critérios de avaliação a serem utilizados;
- ❖ Produza questões com frases curtas e diretas, que facilitarão a compreensão do aluno;
- ❖ Elabore as avaliações com poucas questões, e caso seja necessário, realize a prova/avaliação em duas ou mais etapas, com datas previamente combinadas;
- ❖ Evite avaliações “surpresas”. Caso ocorram mudanças do cronograma, sempre informe com antecedência.
- ❖ Deverá também ser respeitada uma sequência evolutiva de aprendizagem, considerando as potencialidades e fragilidades do aluno, comparando a evolução do aluno com ele mesmo, nunca com os demais alunos da sala;
- ❖ Procure que a avaliação vise à funcionalidade, ou seja, faça sentido para sua atuação prática e profissional.

6 ALUNOS COM ALTAS HABILIDADES/SUPERDOTAÇÃO

6.1 CONCEITO

A Política Nacional de Educação Especial (1994) define como portadores de altas habilidades / superdotados os educandos que apresentarem notável desempenho e elevada potencialidade em qualquer dos seguintes aspectos, isolados ou combinados: capacidade intelectual geral; aptidão acadêmica específica; pensamento criativo ou produtivo; capacidade de liderança; talento especial para artes e capacidade psicomotora (MEC, 2006, p.12).

Os alunos com altas habilidades/superdotação necessitam de serviços educacionais diferenciados que possam promover seu desenvolvimento acadêmico, artístico, psicomotor e social, o que inclui métodos de ensino adaptados às suas necessidades especiais. Entre as características comportamentais dos alunos com altas habilidades/superdotação (AH/SD), pode ainda ser notado, em alguns casos:

- Necessidade de definição própria;
- Capacidade de desenvolver interesses ou habilidades específicas;
- Interesse no convívio com pessoas de nível intelectual similar;
- Resolução rápida de dificuldades pessoais;
- Aborrecimento fácil com a rotina;
- Busca de originalidade e autenticidade;
- Capacidade de redefinição e de extrapolação;
- Espírito crítico, capacidade de análise e síntese;

- Desejo pelo aperfeiçoamento pessoal
- Não aceitação de imperfeição no trabalho;
- Rejeição de autoridade excessiva;
- Fraco interesse por regulamentos e normas;
- Senso de humor altamente desenvolvido;
- Alta-exigência;
- Persistência em satisfazer seus interesses e questões;
- Sensibilidade às injustiças, tanto em nível pessoal como social;
- Gosto pela investigação e pela proposição de muitas perguntas;
- Comportamento irrequieto, perturbador, importuno;
- Descuido na escrita, deficiência na ortografia;
- Impaciência com detalhes e com aprendizagem que requer treinamento;
- Descuido no completar ou entregar tarefas quando desinteressado (MEC, 2016, p.15).

Observa-se que tais alunos, quando percebidos por seus professores, revelam:

- Aprendizagem com instrução mínima;
- Persistência e concentração;
- Alto grau de energia;
- Interesses específicos;
- Estilo próprio para resolver situações problemas;
- Curiosidade acentuada (MEC, 2006, p. 21).

6.1.1 Identificando estudantes com altas habilidades / superdotados

Tipo Intelectual – apresenta flexibilidade e fluência de pensamento, capacidade de pensamento abstrato para fazer associações, produção ideativa, rapidez do pensamento, compreensão e memória elevada, capacidade de resolver e lidar com problemas.

Tipo Acadêmico – evidencia aptidão acadêmica específica, atenção, concentração; rapidez de aprendizagem, boa memória, gosto e motivação pelas disciplinas acadêmicas de seu interesse; habilidade para avaliar, sintetizar e organizar o conhecimento; capacidade de produção acadêmica.

Tipo Criativo – relaciona-se às seguintes características: originalidade, imaginação, capacidade para resolver problemas de forma diferente e inovadora, sensibilidade para as situações ambientais, podendo reagir e produzir diferentemente e, até de modo extravagante; sentimento de desafio diante da desordem de fatos; facilidade de auto-expressão, fluência e flexibilidade.

Tipo Social – revela capacidade de liderança e caracteriza-se por demonstrar sensibilidade interpessoal, atitude cooperativa, sociabilidade expressiva, habilidade de trato com pessoas diversas e grupos para estabelecer relações sociais, percepção acurada das situações de grupo, capacidade para resolver situações sociais complexas, alto poder de persuasão e de influência no grupo.

Tipo Talento Especial – pode-se destacar tanto na área das artes plásticas, musicais, como dramáticas, literárias ou cênicas, evidenciando habilidades especiais para essas atividades e alto desempenho.

Tipo Psicomotor – destaca-se por apresentar habilidade e interesse pelas atividades psicomotoras, evidenciando desempenho fora do comum em velocidade, agilidade de movimentos, força, resistência, controle e coordenação motora. (MEC, 2016, p.12-13).

Traços Comuns – Embora seja um grupo altamente heterogêneo, é importante considerar que nem todos os alunos vão apresentar todas as características aqui listadas, sendo algumas mais típicas de uma área do que de outras, conforme ressaltam Alencar e Fleith (2001).

- Grande curiosidade a respeito de objetos, situações ou eventos, com envolvimento em muitos tipos de atividades exploratórias;
 - Auto-iniciativa tendência a começar sozinho as atividades, a perseguir interesses individuais e a procurar direção própria;
 - Originalidade de expressão oral e escrita, com produção constante de respostas diferentes e ideias não estereotipadas;
 - Talento incomum para expressão em artes, como música, dança, teatro, desenho e outras;
 - Habilidade para apresentar alternativas de soluções, com flexibilidade de pensamento;
 - Abertura para realidade, busca de se manter a par do que o cerca, sagacidade e capacidade de observação;
- Capacidade de enriquecimento com situações-problema, de seleção de respostas, de busca de soluções para problemas difíceis ou complexos;
- Capacidade para usar o conhecimento e as informações, na busca de novas associações, combinando elementos, ideias e experiências de forma peculiar;
 - Capacidade de julgamento e avaliação superiores, ponderação e busca de respostas lógicas, percepção de implicações e consequências, facilidade de decisão;
-

- Produção de ideias e respostas variadas, gosto pelo aperfeiçoamento das soluções encontradas;
- Gosto por correr risco em várias atividades;
- Habilidade em ver relações entre fatos, informações ou conceitos aparentemente não relacionados, e
- Aprendizado rápido, fácil e eficiente, especialmente no campo de sua habilidade e interesse. (MEC, 2016, p.14-15).

O que observar:

- Alto desempenho em uma ou várias áreas;
- Fluência verbal e/ou vocabulário extenso;
- Envolvimento ou foco de atenção direcionado a alguma atividade em especial;
- Desempenho elevado qualitativamente nas atividades escolares;
- Qualidade das relações sociais do aluno, em diversas situações;
- Curiosidade acentuada;
- Facilidade para a aprendizagem;
- Originalidade na resolução de problemas ou na formulação de respostas;
- Atitudes comportamentais de excesso para a produção ou planejamento;
- Habilidades específicas de destaque (áreas: artes plásticas, musicais, artes cênicas e psicomotora, de liderança, etc.)
- Senso de humor;
- Baixo limiar de frustração;
- Senso crítico;
- Defesa de suas ideias e ponto de vista;
- Impaciência com atividades rotineiras e repetitivas;
- Perfeccionismo;
- Dispersão ou desatenção;
- Resistência em seguir regras;

- Desenvolvimento superior atípico em relação a pessoas de igual faixa etária
- Originalidade e ideias inusitadas e diferentes (MEC, 2006, p. 22)

6.2 ATIVIDADES EM SALA DE AULA

Destacamos três serviços que podem ser oferecidos aos alunos com Altas Habilidades/Superdotação: Compactação do Currículo, Aceleração e Enriquecimento.

Compactação do Currículo: permite aos alunos prosseguir de forma mais rápida com o conteúdo que já foi dominado, eliminando a rotina de passar por exercícios repetitivos desnecessariamente.

O professor deve:

- ❖ identificar a área do currículo que o aluno já dominou e suas áreas fortes. (Ex: o aluno termina rapidamente uma tarefa com pouco ou com nenhum erro, e demonstra insatisfação, tédio ou desânimo com o ensino).
- ❖ aplicar atividades ou pré-testes para assegurar se o aluno tem completo domínio do tema ou conteúdo, e se atende aos objetivos daquela unidade. (Ex: provas e avaliações servem como pré-teste).
- ❖ indicar atividades que podem ser eliminadas do currículo ou aceleradas para se adaptar ao ritmo próprio do aluno.
- ❖ explorar as diversas formas de aceleração ou enriquecimento que ele poderia providenciar ainda na sala de aula. (Ex: se várias unidades curriculares de matemática foram compactadas, o professor deve decidir se o aluno pode ser acelerado para outra fase ou se poderá ser beneficiado por um aprofundamento do conteúdo na matéria, ou mesmo se deve dedicar o tempo extra a outra disciplina ou tópico de interesse).

IMPORTANTE!

Os alunos devem participar destas decisões e entender que, ao dar o melhor de si em uma disciplina, poderá ter mais tempo para trabalhar em outro tópico do seu interesse.

Aceleração: permite aos alunos avançar e cumprir em menor tempo as disciplinas do currículo. Acelerar implica em decidir que a competência, e não a idade, será o critério determinante para que o indivíduo obtenha acesso a um currículo e experiências acadêmicas mais adiantadas. A aceleração pode incluir a entrada precoce na universidade ou pular disciplinas em que possui conhecimento. A entrada precoce na universidade também possibilita a entrada mais cedo do aluno no mercado de trabalho.

Enriquecimento: é a opção mais utilizada pelos serviços educacionais. Apresentamos dois modelos de Enriquecimento:

a) **Modelo de Enriquecimento Escolar:** abarca a identificação, a administração, o treinamento de pessoal e os serviços oferecidos ao aluno (Renzulli & Reis, 1997; 2000 apud VIRGOLIM, 2007).

O professor deve:

- ❖ Dar oportunidade a todos os alunos de participar de alguma experiência de enriquecimento curricular, expondo os alunos a uma ampla variedade de procedimentos,
- ❖ Estimular novos interesses que possam levar o aluno a aprofundá-los em atividades criativas e produtivas posteriores.

- ❖ Desenvolver nos alunos as habilidades gerais de pensamento crítico, resolução de problemas e pensamento criativo;
- ❖ Desenvolver uma grande variedade de aprendizagens específicas de “como fazer”, tais como tomar notas, entrevistar, classificar e analisar dados, tirar conclusões etc., necessárias ao processo científico;
- ❖ Desenvolver habilidades avançadas para a aprendizagem de materiais de referência, tais como resumos, catálogos, registros, guias, programas de computador, Internet, etc.;
- ❖ Aplicar seus interesses, conhecimentos, ideias criativas e motivação em um problema ou área de estudo de sua escolha;
- ❖ Desenvolver habilidades de planejamento, organização, utilização de recursos, gerenciamento de tempo, tomada de decisões e auto-avaliação.

b) O Modelo do Aprendiz Autônomo: O modelo parte do entendimento de que, à medida que tais necessidades são satisfeitas, os alunos se desenvolverão como aprendizes autônomos, com a capacidade de serem responsáveis pelo desenvolvimento, implementação e avaliação da própria aprendizagem (Betts, 1986, 1991 *apud* VIRGOLIM, 2007).

Há cinco dimensões principais:

- ❖ **Orientação**: é a parte do programa que focaliza as informações básicas que os alunos, professores, pais e administradores precisam saber a respeito das altas habilidades.
- ❖ **Desenvolvimento Individual**: fornece oportunidades ao aluno de desenvolver habilidades, conceitos e atitudes necessárias para sair do papel passivo de estudante para um, mais ativo, de aprendiz.

❖ **Atividades de Enriquecimento:** inicia-se com o entendimento do aluno sobre as diversas áreas do conhecimento, ajudando-o a selecionar as áreas que domina ou tem maior motivação (ou paixão) e estudá-las com maior envolvimento.

❖ **Seminários:** é o momento em que o aluno começa a mostrar suas características enquanto aprendiz independente e autônomo.

❖ **Estudo em Profundidade:** permite que o aluno defina uma “área de paixão” a ser estudada em profundidade. Os aprendizes são responsáveis em definir o que querem estudar, desenvolver um plano de ação, participar efetivamente do estudo e avaliá-lo ao ser completado.

IMPORTANTE!

É imprescindível que professor e aluno façam uma avaliação de todo o processo, salientando os pontos fortes, bem como as limitações do estudo.

6.3 AVALIAÇÃO

No processo de avaliação do aluno com Altas Habilidades/Superdotação é imprescindível que o professor selecione formas de avaliação que considerem a diversidade de interesses e estilos de aprendizagem e de expressão dos alunos. Fleith (2007a), sugere as seguintes atividades no processo de avaliação:

- ❖ Incentive seu aluno a participar ativamente do processo de avaliação de sua disciplina ou turma;
- ❖ Construa exercícios, atividades escolares, provas, seminários, trabalhos em grupo que permitam ao aluno a percepção de que a avaliação é parte das atividades escolares e tem a função de orientar a trajetória de aprendizagem;
- ❖ Não permita que o sistema de avaliação utilizado assumam caráter punitivo. Avaliação deve ser momento especial e privilegiado de aprendizagem e não sistema de punição ao aluno;
- ❖ Planeje provas criativas, onde o aluno busque informações extras, seja incentivado a pesquisa, a inserir seus próprios saberes na avaliação formal;
- ❖ Adote modelos de avaliação elaborados pelos alunos. Inclua a avaliação nas atividades co-construídas em sala de aula;
- ❖ Inove ao elaborar trabalho, provas e atividades a serem realizadas com o intuito de avaliar a criança. Experimente construir instrumentos de avaliação divertidos, estimuladores e desafiadores;
- ❖ Encoraje seus alunos no uso de habilidades de auto-avaliação.

O aluno com altas habilidades/superdotação requer formas diversas de avaliação de seu rendimento escolar, que vão desde exames de conhecimento dos conteúdos de uma disciplina no início do semestre, para facilitar a aceleração e o enriquecimento, até documentos externos à escola que comprovem o conhecimento dos alunos em determinados conteúdos (FLEITH, 2007b).

As questões que dizem respeito à possibilidade de saltar/eliminar disciplinas na totalidade são contempladas por meio das provas de proficiência na UNIPLAC, uma vez que esta é uma das adaptações possíveis para esses alunos.

REFERÊNCIAS

APA (American Psychiatric Association; tradução: Maria Inês Corrêa Nascimento...et al.; revisão técnica: Aristides Volpato Cordioli...et al.) **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM – 5** - 5ª ed. – Porto Alegre: Artmed, 2014.

BRASIL. **Decreto nº 3.298, de 20 de dezembro de 1999.** Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/d3298.htm Acesso em 10 jun. 2015, às 11:27

BRASIL. **Decreto nº 5.296, de 2 de dezembro de 2004.** Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2004/decreto/d5296.htm Acesso em 03 jun. 2015, às 12:14

BRASIL. **Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005.** Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm. Acesso em 25 mai.2015, às 12:01

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. **Grafia Braille para a Língua Portuguesa** / elaboração: Cerqueira, Jonir Bechara... [et al.]. Brasília: SEESP, 2006. Disponível em <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/grafiaport.pdf> Acesso em 27 abr. 2015, às 21:05

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. **Formação Continuada a Distância de Professores para o Atendimento Educacional Especializado Deficiência Mental** / elaboração: GOMES, Adriana L. Limaverde... [et al.]. Brasília: SEESP/SED, 2007. Disponível em http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/ae_dm.pdf Acesso em 28 abr. 2015, às 10:51

BRASIL. **Decreto nº 7.611, de 17 de novembro de 2011.** Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2011/Decreto/D7611.htm#art11 Acesso em 12 jun. 2015, às 10:08

BRASIL. Ministério da Educação. **Referenciais de Acessibilidade na Educação Superior e a Avaliação in loco do Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior (SINAES) Parte I** – Avaliação de Cursos de Graduação. Brasília: MEC/INEP, 2013.

CASA CIVIL. Presidência da República. Subchefia Para Assuntos Jurídicos. **Lei nº 12.764, de 27 de dezembro de 2012.: Lei Berenice Piana.** Brasília DF: Presidência da República, 2012. 3 p. Disponível em < <http://db.tt/LrHA3T4g> >. Acesso em: 09 jun 2015, às 10h.

FERNANDES, Sueli. **Avaliação em Língua Portuguesa para Alunos Surdos: Algumas considerações.** SEED/SUED/DEE, Curitiba, 2006. Disponível em:
http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/janeiro2013/otp_artigos/sueli_fernandes.pdf P.11-14 Acesso em 20 mai.2015, às 20:02.

FLEITH, Denise de Souza (org.). **A Construção de Práticas Educacionais para Alunos com Altas Habilidades / Superdotação.** Volume 2: Atividades de Estimulação de Alunos. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 2007a. 121 p.: il. color.

_____. **A Construção de Práticas Educacionais para Alunos com Altas Habilidades / Superdotação.** Volume 3: O Aluno e a Família. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 2007b. 121 p.: il. color.

FRIAS, Elzabel Maria Alberton. **Necessidades educacionais especiais: contribuições ao professor do ensino regular.** Paranavaí: Universidade Estadual de Maringá, 2009.

MELLO, Regina Oneda.; HEBERLE, Mara Regina (orgs). **Orientações sobre o jeito de cada um conviver.** Santa Catarina: Universidade do Oeste de Santa Catarina, 2014.

MENDES, Regina Maria Russiano. **Afinal: Intérprete de Língua de Sinais, Intérprete Educacional, Professor-Intérprete ou Auxiliar? O trabalho de Intérpretes na lógica inclusiva.** FENEIS/SP, Porsinal. Disponível em:
<<http://www.porsinal.pt/index.php%3Fps%3Dartigos%26idt%3Dartc%26cat%3D7%26idart%3D102>> Acesso em: 21 mai.2015, às 15:43.

OLIVEIRA, Marina Daiane Domingos. **Que inclusão é essa?** 30 set. 2013. Disponível em:
<http://marinainterprete.blogspot.com.br/2013_09_01_archive.html> Acesso em 2 mai.2015, às 20:41.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA. **Saberes e práticas da inclusão: desenvolvendo competências para o atendimento às necessidades educacionais especiais de alunos com altas habilidades/superdotação.** [2. ed.] /Coordenação Geral SEESP/MEC. - Brasília: MEC, Secretaria de Educação Especial, 2006. 143 p. (Série: Saberes e práticas da inclusão)

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE (OMS). **Classificação Estatística Internacional de Doenças e problemas Relacionados à Saúde.** CID – 10; TRADUÇÃO Centro colaborador da OMS para a Classificação de Doenças em Português. 9. Ed.rev. – São Paulo: Editora Universidade de São Paulo, 2003.

PIMA. Programa de Integração e Mediação do Acadêmico. Universidade de Caxias do Sul.

Dicas para facilitar o trabalho dos professores com alunos surdos, 7 mar. 2012a.

Disponível em: <<http://pimaucs.blogspot.com.br/2012/03/dicas-para-facilitar-o-trabalho-dos.html>> Acesso em 21.05.2015, às 13:24.

PIMA. Programa de Integração e Mediação do Acadêmico. Universidade de Caxias do Sul.

Como cooperar com os deficientes visuais em diferentes situações?, 21 nov. 2012b.

Disponível em: <<http://pimaucs.blogspot.com.br/2012/03/dicas-para-facilitar-o-trabalho-dos.html>> Acesso em 27.05.2015, às 21:24.

SANTOS, Boaventura de Souza. A construção multicultural da igualdade e da diferença. In: **Congresso Brasileiro de Sociologia**, Rio de Janeiro: Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 4 a 6 de set. (Conferência), 1995.

VIRGOLIM, Angela M. R. **Altas habilidade/superdotação**: encorajando potenciais. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 2007. 70 p.: il. color.

PAAP:
(49) 3251-1010
(49) 3251-1012
paap@uniplaclages.edu.br
www.uniplaclages.edu.br/paap